

O fazer pedagógico e a medicalização do estudante: uma relação

Ensinar não é transmitir conhecimento
Teoria e Prática em Descompasso
“A Lição sabemos de cor, só nos resta aprender”
Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)
Ritalina e Concerta: Drogas da Obediência
Patologizar os que Saem do Padrão Desejado
Buscar Soluções de Ordem Psico-Afetivo-Social, com a Medicalização do Sujeito

Luciane C. Stern

Albert Einstein em seu livro *Escritos da Maturidade* escreve: “A educação é tudo o que resta quando se esquece tudo o que se aprendeu na escola”. Esta frase nos surpreende e nos impacta pela sua veracidade. É fato que, após tantos anos sentados em cadeiras escolares, após tantas horas dispendidas com estudos, leituras e deveres, pouco retemos. É interessante perguntar a um químico sobre o que ele se lembra das aulas de geografia, ou perguntar a um matemático sobre o que ele se lembra das aulas de literatura. Se esses conteúdos não fizeram parte da formação atual desses profissionais, verificamos que a lembrança é mínima, pois o cérebro se recusa a arquivar o que lhe parece inútil.

Não faz muito tempo, aos estudantes era destinado o dever de ficar horas sentados, prestando atenção a professores que acreditavam que ensinar era simplesmente transmitir conhecimentos. Os conteúdos eram impostos sem a preocupação de investigar se os alunos tinham ou não o raciocínio necessário à sua apropriação. Interesse então, nem se fala. Os pedagogos pouco se importavam pelos interesses de seus alunos. As informações eram fornecidas aos estudantes que deveriam assimilá-las e despejá-las nos exames escolares. Os estudantes, por sua vez, em sua ânsia de passar de ano, tirar nota boa, agradar aos professores e aos seus pais, costumavam engolir aquele mar de informações, vomitá-las nos exames sem, no entanto, digeri-las. Tudo isso, sem se apropriarem, verdadeiramente, dos nutrientes do conhecimento, sem saboreá-los, sem verificar seu aroma e paladar, sem sentir sua textura e consistência.

Teoria e prática funcionavam, assim, em descompasso, parecendo entidades dissociadas. Não se entendia o objetivo e a razão de estudar determinados conteúdos, pois não se via nenhuma relação desses assuntos com a vida real. Desse modo, o currículo escolar não tinha uma ligação intrínseca entre teoria e prática reconhecida pelo estudante, algo que se relacionasse com seu cotidiano. Transpor à sala de aula uma visão de mundo na qual teoria e prática funcionavam interligadas era fato raro.

Cabia, então, às nossas crianças e adolescentes a obrigatoriedade de permanecer dentro de sala de aula e a ela entregar seu corpo. No entanto, suas mentes dirigiam-se para lugares muito mais interessantes. Suas almas iam em busca de prazeres e interesses alternativos. Outros alunos, para dar conta da situação, inquietavam-se e passavam a perturbar a aula, o professor ou os amigos. Para alguns, a descarga motora se fazia necessária como meio de



suportar a aula maçante e o conteúdo que não fazia nexos. A teoria não refletia a prática nem a prática refletia a teoria, ou seja, não se transpunha para o interior de sala de aula uma visão de mundo em que teoria e prática estariam interligadas.

Hoje assistimos ao esforço de alguns pedagogos para mudar esta situação. São profissionais atentos às novas formas de ensinar e aprender. Embora isso ocorra, constatamos que muitos seguem ainda o modelo de tempos atrás, cometendo os mesmos enganos e acreditando na equação: transmitir é ensinar e ouvir é aprender. Sem perceberem a falência desta equação, continuam a reproduzi-la. “A lição sabemos de cor, só nos resta aprender”, já dizia a música de Beto Guedes. E é neste contexto de uma aula



desinteressante, que não faz eco para o aluno, que ali não reconhece nenhuma vinculação entre a teoria e sua vida prática, que assistimos a um dos maiores perigos da vida escolar atual: a medicalização dos alunos ditos com déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). O desinteresse e um comportamento mais agitado em sala de aula, passaram a ser considerados como distúrbios do sujeito que necessita da área médica e psicológica, para lidar com seu transtorno.

Amplamente difundido e consumido, o Metilfenidato, princípio ativo dos remédios, Ritalina e Concerta, receitado comumente para crianças e adolescentes com hiperatividade ou déficit de atenção, recebeu o apelido de droga da obediência. Assim, fica reduzido à lógica médica, a uma causalidade orgânica o que não está adequado às normas sociais, principalmente às normas sociais escolares. Não se compreendendo, portanto, que o fracasso de um estudante pode estar apontando para o fracasso do sistema escolar e pedagógico.

A não aceitação das normas sociais escolares sempre incomodou demais as escolas que desejam dispensar um tratamento uniforme a seus alunos a fim de mantê-los sob controle. Patologizar os que saem do padrão desejado é totalmente deplorável. Contudo, verificamos esta prática. Em um passado não muito longínquo, os alunos desajustados eram os filhos de pais separados ou de mães solteiras, a eles cabia o estigma de alunos problemáticos, sem solução. Atualmente essa situação mudou, no entanto tratam como questão médica, problemas de comportamento, de convivência e de inadequação à vida escolar, usando algum tipo de droga para sanar o distúrbio, a doença. Ou seja, há a tendência de buscar soluções do que seria do âmbito escolar em algo orgânico do aluno. E assim, vamos tendo uma infância medicalizada, com crianças robotizadas.

O grande paradoxo dessa questão é a importância que teriam, para os estabelecimentos escolares, os alunos que estão sendo medicalizados. Eles são de grande valor, na medida em que podem apontar aquilo que tropeça, aquilo que precisa de transformação e de retificação, no modelo escolar. São eles que recolocam em cena a diversidade das situações que os partícipes do processo de aprendizagem precisam encarar. Há urgência de redimensionar o fazer pedagógico, recolocando a teoria e a prática como uma unidade, de modo que desperte o interesse de nossos alunos.

Também precisamos lutar contra uma poderosa indústria farmacêutica que com um contundente marketing induz pais, professores e todos envolvidos no processo educativo a acreditar no sucesso das drogas como sanador dos problemas escolares. Oferecem a ideia de

que algo bom pode se constituir pela ingestão de um medicamento, que a felicidade, o bem estar pode ser consumido e não buscado através de ações que visem as relações de um sujeito com seu semelhante. Relações de amor, ódio, inveja, rivalidade e tantas outras ficam tamponadas pelo efeito medicamentoso. Alunos zumbis, professores descompromissados e indiferentes aos estudantes e um currículo escolar desinteressante, passam a ser questões de segundo plano quando, de fato, deveriam estar sob destaque no interior das instituições escolares.

Partir do conhecimento, desenvolvê-lo ativamente, convertendo-o em prática, descobrir verdades por meio da prática, comprová-las e desenvolvê-las novamente em novos conhecimentos são questões que poderiam ser muito estimulantes para nossos estudantes. Saber que essa fórmula repete-se em infinitos ciclos e, a cada ciclo, o conteúdo da prática e do conhecimento eleva-se a um nível cada vez mais alto, é bem incitante.

Saber que as teorias se caracterizam por sua provisoriedade, que de tempos em tempos muitas teorias se mostram inoperantes, viram obsoletas e são substituídas por explicações mais abrangentes e plausíveis, a luz de novos equipamentos e tecnologias, pode ser fascinante para o estudante. Sendo assim, o aluno pode ser instigado a se conceber como um cérebro pensante, com uma postura mais ativa e menos passiva frente ao conhecimento. É importante aprender como os grandes cérebros do passado pensavam, mas caberá sempre a nova geração a validação do conhecimento de outrora.

Portanto, cabe-nos recontextualizar o problema, encontrar novos significados, novos instrumentos, novas estratégias, novos sentidos, novas ações para melhorar os resultados acadêmicos e interessar nossos alunos frente ao conhecimento para além da obrigatoriedade de permanecer no âmbito escolar, pois de nada adianta levar o corpo para a escola se a alma não sai de casa. Mas, principalmente, precisamos ficar atentos para não levarmos nossos estudantes ao adoecimento, atribuindo-lhes uma doença orgânica que, na verdade, justifica-se mais, possivelmente, pela falta de interesse, a desconexão e o tédio escolar.